

O ÍNDIO E O SERINGUEIRO

NO (DIS)CURSO DE *O JURUÁ*

DOI: 10.29327/210932.9.1-5

Ana Cláudia de Souza Garcia
Universidade Federal do Acre

anacgarciaczs@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3887-6361>

RESUMO: Este estudo advém da pesquisa intitulada **Gêneros textuais e cotidiano: desvelando a Cruzeiro do Sul-Acre das páginas de “O JURUÁ” (de 1953 a 1962)**, apresentada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre. Essa pesquisa abriu possibilidades de análise no campo da linguagem. Nessa perspectiva, os gêneros discursivos, considerados como elementos fundamentais no processo de construção do enunciado e, conseqüentemente, do discurso, foram estudados de forma mais específica, à luz do pensamento bakhtiniano, com contribuições de Marcuschi (2008). Este artigo, portanto, trata de realizar uma análise de seis textos do jornal *O Juruá*, estruturados em cinco gêneros distintos: dois artigos de opinião, um desenho com legenda (considerado aqui como um misto de charge com história em quadrinhos produzido com linguagem verbal e não-verbal), um poema, uma notícia e um cupom publicitário, a fim de entender e debater as representações discursivas em diferentes formas de enunciado (re) produzidas no jornal *O Juruá* acerca do índio e do seringueiro na Amazônia acreana, em particular, na Amazônia cruzeirense/juruense.

PALAVRAS-CHAVE: Índio. Seringueiro. Gêneros Discursivos. Jornal.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando realizei a pesquisa no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre, intitulada **Gêneros textuais e cotidiano: desvelando a Cruzeiro do Sul-Acre das páginas de “O JURUÁ” (de 1953 a 1962)**, tinha como objetivo primeiro fazer uma análise de alguns textos do periódico, na tentativa de identificar elementos do cotidiano da cidade de Cruzeiro do Sul e de algumas marcas identitárias que são conferidas aos seus moradores, considerando os aspectos linguístico-textuais presentes nos gêneros, bem como os extratextuais. No entanto, o estudo abriu um leque de possibilidades de análise no campo da linguagem, pois também tratou de elementos que constituem a teia discursiva na sua concretude¹. Nessa perspectiva, os gêneros discursivos, considerados como elementos fundamentais no processo de construção do enunciado e, conseqüentemente, do discurso, foram estudados de

1 O termo “concretude” é utilizado em relação ao que postula Bakhtin (2016) sobre o enunciado concreto como “*real unidade da comunicação discursiva*” (BAKHTIN, 2016, p. 28, grifo do autor). Para o pensador russo, a “plenitude” do enunciado, ou a sua “inteireza”, está “determinada por três elementos (ou fatores) intimamente ligados na totalidade orgânica do enunciado: 1) a exauribilidade semântico-objetual; 2) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) as formas típicas da composição e do acabamento do gênero.” (BAKHTIN, 2016, p. 36).

forma mais específica, à luz do pensamento bakhtiniano, com contribuições de Marcuschi (2008)².

Neste artigo, portanto, trato de fazer uma análise de alguns textos do jornal *O Juruá*, relacionando a noção de gênero do discurso com a produção de sentidos em torno de duas temáticas: o índio e o seringueiro³.

Assim, do rol dos textos selecionados para a pesquisa, organizados nos mais diversos gêneros, selecionei para este artigo seis textos estruturados em cinco gêneros distintos: dois artigos de opinião, um desenho com legenda⁴ (considerado aqui como um misto de charge com história em quadrinhos produzido com linguagem verbal e não-verbal), um poema, uma notícia e um cupom publicitário. A seleção desses textos, especificamente, se deu pelo fato de que todos eles têm como foco o índio e o seringueiro; além disso, optei por uma análise das temáticas em gêneros variados, a fim de entender e debater as representações discursivas em diferentes formas de enunciado (re) produzidas no jornal *O Juruá* acerca desses dois grupos sociais na Amazônia acreana, em particular, na Amazônia cruzeirense/juruense.

Antes da análise dos textos, apresento breves considerações sobre os gêneros do discurso no suporte jornalístico pesquisado e as implicações desse suporte na produção de sentidos.

OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO SUPORTE JORNALÍSTICO

A comunicação é determinante na vida humana. Por meio dela, os indivíduos se constituem, a partir da relação dialógica que o ato de comunicar proporciona. Na interação com o outro, por meio da prática discursiva, a vida e as pessoas são tecidas/produzidas, constituindo uma rede infinita de sentidos. Sobre a produção do sentido nessa interação, Bakhtin (2016) considera que a prática discursiva somente se concretiza, efetivamente, diante da expressividade dos falantes/escritores e ouvintes/leitores, já que a palavra é “neutra”. Ela, por si só, nada diz. É na relação com o contexto da produção discursiva que a palavra, de fato, se materializa. Assim, o autor esclarece:

(...) só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão; esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva fora de nós (BAKHTIN, 2016, p.51).

2 Marcuschi (2008) adota a expressão “gêneros textuais”, diferentemente da que foi difundida por Bakhtin: “gêneros do discurso/discursivos”. Não é objetivo aqui estabelecer uma diferença entre os termos, mas vale ressaltar o que esclarece Rojo (2005) sobre essa questão: “Ambas as vertentes encontravam-se enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana, sendo que a primeira – *teoria dos gêneros do discurso* – centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda – *teoria dos gêneros de texto* –, na descrição da materialidade textual.” (ROJO, 2005, p. 185, grifos da autora). Bakhtin (2016), por sua vez, em “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica”, aborda os dois elementos do texto: “o sistema da língua” e o “acontecimento singular do texto”, a partir das suas “relações dialógicas e dialéticas”.

3 As definições dicionarizadas do termo “seringueiro”, de modo geral, simplificam o significado em “indivíduo que se dedica à extração do látex”, como, por exemplo, traz o dicionário *on-line* Aurélio. No entanto, é importante ressaltar que não se trata meramente da junção de um radical (*sering* da palavra “seringa”) com um sufixo (*eiro*, indicando ocupação), reduzindo o indivíduo ao seu ofício. Souza, por sua vez, ao abordar sobre o tema, define o termo a partir de um contexto histórico, social e econômico: “Seringueiro tornou-se uma categoria social que, no plano histórico, foi inventada em razão da constituição, na Amazônia do século XIX, da força de trabalho de migrantes nordestinos integrados no sistema seringal para a extração do látex no regime de aviamento.” (2017, p. 153). Esse sistema, que envolveu condições de trabalho e relações baseadas na exploração, foi estudado por Esteves (2010), demonstrando o processo de inferiorização desse sujeito. Nessa direção, Souza afirma que “Historicamente, vê-se que a gênese da figura social do seringueiro foi racializada à condição, juntamente com os indígenas, de “condenado da floresta” na Amazônia” (2017, p.152). E assim o estereótipo foi instituído.

4 Esse gênero foi retirado do jornal *O Rebate*, que foi fundado em 1921 e circulou na cidade de Cruzeiro do Sul, por mais de cinquenta anos. Achei pertinente trazer o referido texto para o estudo, considerando que o mesmo corrobora discursivamente com uma das temáticas sob análise.

Ademais, Bakhtin (2016) chama a atenção para a relação dialógica que conduz a comunicação, pois, segundo ele,

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica ou artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2016, p. 59, grifo do autor).

Essa interação, por sua vez, influencia as escolhas do enunciador na produção dos seus enunciados, implicando na “escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 64, grifo do autor).

Os gêneros do discurso, desse modo, são um dos dispositivos linguísticos fundamentais para garantir toda a expressividade que requer um enunciado concreto. Daí a necessidade de se compreender a importância deles na teia discursiva, assim como a escolha de um suporte para o enunciado. Nesse sentido, o jornal, suporte sob análise neste estudo, se apresenta como um recurso discursivo, com características próprias, mas com objetivos que vão além da simples informação.

No processo de comunicação, o enunciador (falante/escritor) faz uso de inúmeros recursos, para poder transmitir uma ideia. Com os avanços tecnológicos, há uma variedade de aparatos que possibilitam ainda mais o ato comunicativo, pois, desde a invenção da escrita ao advento da internet, a humanidade vive um processo de transformações no modo de se comunicar. Se as comunidades mais primitivas estabeleciam contato por meios de alguns ruídos, desenhos rupestres ou mímicas, hoje, em pleno século XXI, existem recursos que permitem uma comunicação mais rápida e abrangente, nos mais diversos suportes, os quais Marcuschi (2008) definiu como:

(...) um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. Essa ideia comporta três aspectos: a) suporte é um lugar (físico ou virtual); b) suporte tem formato específico; c) serve para fixar e mostrar o texto. (MARCUSCHI, 2008, p. 174-175).

Considerando tal definição, é possível dizer que o jornal é um suporte de gêneros discursivos, que, conforme a época e a frequência de circulação, tem seu formato específico, para poder abrigar os gêneros que ora vigoram. Segundo Marcuschi, a relação entre gêneros e suporte ainda é “uma questão complexa” (2008, p. 173). Mas ele afirma que:

Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

Relacionando os jornais hoje produzidos com aqueles que circulavam no início do século XX, percebemos que esse suporte sofreu alterações na sua estrutura, principalmente em relação aos tipos de gêneros, ilustrações, linguagem e temas. Nesse processo de trans-

formações do suporte jornalístico, é necessário considerar o fato de que hoje a internet ressignificou muitas coisas na vida das pessoas. E, talvez, a principal delas foi a forma de se comunicar. Desse modo, com o uso crescente da internet, houve uma redução na produção de jornais impressos e, conseqüentemente, essa alternância no canal⁵ trouxe uma nova organização para o jornal no meio virtual, bem como o surgimento de outros gêneros.

Os gêneros do discurso, a partir da definição apresentada por Mikhail Bakhtin, implicam “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (BAKHTIN, 2016, p.12), que possibilitam o processo de comunicação. Essas formas se adaptam às mais diversas esferas comunicativas da sociedade, a fim de alcançar o objetivo pretendido no ato enunciativo. Marcuschi (2008) denomina essas esferas de “domínios discursivos”:

(...) entendemos como domínio discursivo uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Assim, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008, p. 194).

Ainda para o autor, “os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros.” (MARCUSCHI, 2008, p, 194). Ou seja, cada domínio possui características próprias que possibilitam a produção de textos variados que são relativamente pertinentes a ele.

Desse estudo, Marcuschi (2008), ao analisar os domínios discursivos: instrucional (científico, acadêmico e educacional), jornalístico, religioso, saúde, comercial, industrial, jurídico, publicitário, lazer, interpessoal, militar e ficcional, concluiu que:

“muitos gêneros são comuns a vários domínios”;
 “há domínios discursivos mais produtivos em diversidade de formas textuais e outros mais resistentes”;
 “se fôssemos fazer este quadro considerando culturas diversas, teríamos grandes surpresas. Pois há culturas em que a situação se inverteria totalmente em relação ao que se tem nesses quadros”;
 “parece que hoje há mais gêneros textuais na escrita que na fala”.

Além do mais, cabe acrescentar que nem todos os suportes de um determinado domínio discursivo vão abrigar os mesmos gêneros. Os diversos textos serão empregados conforme vários fatores, tais como: a cultura, a época de circulação, o público leitor, o meio de divulgação do suporte (físico ou virtual), o tamanho do suporte etc.

O jornal *O Juruá* era um suporte que abrigava uma variedade de gêneros, desde os que são típicos da esfera jornalística a outros que são mais comuns em outras esferas e suportes. Assim, ao estudar o periódico, constatei a presença de textos no formato de notícia, de nota social, de propaganda, de artigo de opinião, de obituário, de edital, de portaria, de relatório, de cupom, de poema. Dentre esses, as notícias, as notas sociais, as propagandas

⁵ Canal é tratado aqui como um dos elementos do processo de comunicação, apresentados no esquema do linguista russo Roman Jakobson (2003), que propôs seis elementos: emissor, receptor, referente, canal, mensagem e código. Nesse caso, é o meio virtual ou físico que é considerado como canal da veiculação da mensagem.

e os artigos de opinião eram os que mais estavam presentes nas páginas no jornal, discorrendo sobre os mais variados temas. Entre essas temáticas, o índio e o seringueiro eram assunto frequente no periódico.

O ÍNDIO E O SERINGUEIRO: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NO JORNAL *O JURUÁ*

O jornal *O Juruá* demonstrava grande interesse pela vida do seringueiro e as suas condições de trabalho. São vários os artigos que tratam dessa temática, numa defesa contumaz dos direitos desses trabalhadores, que adentraram a selva para extrair o ouro branco, produto responsável pelos tempos áureos da Amazônia.

O artigo, conforme os apontamentos feitos por Melo (2003), quanto aos gêneros jornalísticos, faz parte da categoria opinativa e “trata-se de uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma idéia e apresenta sua opinião.” (p. 121). O autor também salienta que há “duas espécies de artigo: o artigo (propriamente dito) e o ensaio.” (p. 123). E ressalta as suas diferenças:

A diferença entre ambos não reside apenas na extensão (o artigo é um ensaio curto e o ensaio é um artigo longo) como pode ser percebido visualmente na superfície impressa. Duas variáveis os distinguem nitidamente. O *tratamento* dado ao tema indicando que o artigo contém julgamentos mais ou menos provisórios, porque escrito enquanto os fatos ainda estão se configurando; já o ensaio apresenta pontos de vista mais definitivos, alicerçados com solidez porque tem compreensão mais abrangente do fato e pretende sistematizar o seu conhecimento. A *argumentação* utilizada no artigo baseia-se no próprio conhecimento e sensibilidade do articulista; no ensaio ela se apóia em fontes que se legitimam pela sua credibilidade documental, permitindo a confirmação das idéias defendidas pelo autor (MELO, 2003, p. 123).

Os artigos presentes no suporte jornalístico pesquisado são detentores de opinião e de determinado ponto de vista, defendidos com argumentos contundentes ou com narrativas de situações cotidianas da vida nos seringais, a fim de convencer o leitor acerca dos percalços e direitos do seringueiro. O referido gênero, provavelmente, foi utilizado muitas vezes para abrigar essa temática, a fim de conferir-lhe mais credibilidade e persuasão, a partir dos argumentos apresentados, além de uma linguagem mais formal, que garante uma base pautada no conhecimento, sendo, portanto, “verdadeira”.

Particularmente, João Mariano⁶, proprietário e redator do jornal *O Juruá*, era um defensor dessa causa, pois, assim como inúmeros imigrantes nordestinos, também desempenhou a atividade de seringueiro em terras amazônicas. As linhas dedicadas ao seringueiro pelo jornalista, nas páginas de *O Juruá*, além de partir das próprias experiências do jornalista, remetem às considerações feitas por Euclides da Cunha em relação à vida e ao trabalho do seringueiro, durante a expedição realizada em 1905.

Para Cunha, “(...) o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.” (1967, p.24). O escritor ressalta, ainda, as relações entre esse

6 João Mariano da Silva nasceu em Aracati, estado do Ceará, em 13 de maio de 1897. Veio, pela primeira vez, para a Amazônia, no ano de 1907, retornando ao estado do Ceará, em 1914. Em 1917, voltou com a família para terras amazônicas, fixando-se em Eirunepé, no estado do Amazonas. Três anos depois, colocou os pés em terras acreanas, para exercer a função de seringueiro, no seringal Valparaíso. Na cidade de Cruzeiro do Sul. Também exerceu as funções de professor, advogado, comerciante e jornalista. Por ter sido seringueiro, lutar pelos direitos dessa classe era-lhe muito caro, pois, conforme relatou em vários textos dos dois jornais dos quais foi proprietário (*O Juruá* e *O Rebate*), a partir de uma visão republicana e desenvolvimentista, o seringueiro foi o grande responsável pelo progresso não só da cidade de Cruzeiro do Sul, mas também do estado do Acre.

trabalhador e o patrão, fazendo uma comparação com o processo de migração italiana para o estado de São Paulo:

Enquanto o colono italiano se desloca de Gênova à mais remota fazenda de S.Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente.

A sua atividade, desde o primeiro golpe da machadinha, constringe-se para logo num círculo vicioso inaturável. O debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldá-la. (CUNHA, 1967, p. 51-52).

Embora o processo migratório italiano seja exposto por Euclides da Cunha de forma romantizada e idealizada, apresentando um contexto em que os migrantes da Itália teriam todas as garantias para a realização de seus propósitos em solo brasileiro, o que se quer ressaltar aqui são as relações injustas de trabalho entre seringueiros e seringalistas no extremo oeste brasileiro. A comparação, no caso, serve para demonstrar o fardo que era viver e trabalhar na selva acreana.

Com o desejo de reparar as injustiças sofridas pelos seringueiros, o expedicionário republicano defende uma legislação que ampare esses trabalhadores, que enfrentavam, além das intempéries de um lugar insalubre, a solidão e o abandono por parte do Poder Público. Diante disso, ele propõe:

(...) a urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente à terra. (CUNHA, 1967, p. 27).

Cinquenta anos depois da vinda de Euclides da Cunha à Amazônia, tais desejos ainda ecoavam, a fim de garantir algum benefício para aqueles que eram considerados responsáveis por uma das maiores atividades econômicas dessa região, senão a maior. E o jornal *O Juruá* fazia seus registros em prol dessa causa.

O seringueiro é a personificação da História Universal, do conto árabe: “Os Homens Nascem, Vivem, Sofrem E Morrem!”

Quem se der ao trabalho de observar a vida das diversas classes produtoras de nosso país, Overá que o seringueiro é o mais infeliz de todos os homens que sustentam com o seu trabalho a alavanca do progresso do Brasil. Levando uma vida de pária, no mais intrincado labirinto da floresta amazônica, o seringueiro faz convergir para as fábricas nacionais de artefactos de borracha algumas dezenas de milhares de toneladas daquele produto. Um verdadeiro exército de homens patrões, comerciantes, bancários, industriais – e ainda estivadores e trabalhadores outros, vivem da borracha que o seringueiro produz, e vivem uma vida bem diferente daquela que vive o seringueiro.

E a situação desse infeliz é agravada mais de acordo com a sua localização, isto é, quanto mais ele penetra para os altos rios tanto mais difícil é a sua vida, pois fica localizado em lugar mais inacessível por isso que tem de comprar mais caro e vender mais barato o que produz. Mais de trezentos deputados na Câmara Federal, buscam soluções para os problemas do país, de Norte a Sul, até hoje ninguém

lembrou do seringueiro. O índio, mesmo sem ser um contribuinte para o progresso do Brasil, como é o seringueiro, teve um dia o seu RONDON.

Quando chegará o dia de vermos surgir o RONDON dos seringueiros? Trabalhando as terras alheias, sem um palmo de chão próprio, sem escolas para seus filhos, sem médicos para as suas dores, sem um instituto de beneficência para a garantia da sua invalidez e na orfandade dos filhos e viuvez das esposas, êsse mísero coitado, não alimenta nenhuma esperança de melhores dias: E por que toda essa indiferença dos poderes públicos? Explicamos: O seringueiro é um analfabeto, na maioria, não dispõe de votos para fazer deputados e senadores. Se não tem votos de nada vale: pensam os políticos.

No Acre o seringueiro é além de seringueiro, é uma sentinela avançada da Pátria com duas repúblicas limítrofes. Depois de ter dado o Acre ao Brasil, pelo seu heroísmo, pela sua coragem, pelo seu estoicismo continuou até hoje a velar pelo pavilhão auriverde, que tem neste herói anônimo o sustentáculo da nacionalidade nestas longínquas paragens. A não ser alguns escritores que levaram para a literatura o sofrimento desse mísero coitado, quem dele se lembrou foi tão somente para usufruir o fruto do seu trabalho.

Que apareça o RONDON dos seringueiros, para que êles passem a integrar as fileiras das classes de trabalhadores do Brasil, gosando os direitos a que fazem jús como lídimos representantes da nacionalidade na sombra húmida da milenária floresta do RIO MAR.⁷

Nesse artigo, estão evidentes algumas circunstâncias que envolviam o seringueiro e o seu ofício, cristalizando no imaginário das pessoas a figura do homem que era, ao mesmo tempo, bravo e sofredor; bem como o cenário amazônico, como um lugar inóspito, marcado pela falta de civilização. Assim é o discurso sobre o amazônida e o lugar: só se arrisca por essas paragens quem é forte.

Tais condições das terras amazônicas levam ao que Cunha, já havia escrito e denominou de “seleção telúrica”, ou seja, “uma sorte de magistratura natural, ou revista severa exercida pela natureza nos indivíduos que a procuram, para só conceder o direito da existência aos que se lhe afeiçoam.” (1967, p. 50). A preponderância da selva bruta sobre os que ali chegavam era determinante para “selecionar” aqueles que nela tinham condições de sobrevivência. Os imprestáveis, os fracos, degredados que ali chegaram, na verdade, após a exposição às condições insalubres do lugar, se tornam os fortes, os brabos, aqueles que conseguiram irromper o “inferno verde”. Nas palavras de Cunha, “(,,,) chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes” (1967, p. 51).

Desse modo, o que ocorre em solo amazônico é um “darwinismo social” às avessas. Essa teoria, abordada e criticada por Raymond Williams (2011), no capítulo de igual nome, do livro “Cultura e Materialismo”, apresenta a ideia de que, na sociedade, “temos a sobrevivência dos mais aptos”, na “luta pela existência” (p. 122). No entanto, no processo purgatório da hileia brasileira, ao contrário, temos a sobrevivência de muitos rejeitados,

⁷ Jornal *O Juruá*, de Nº. 96, de 10.08.1958. A transcrição foi fiel ao texto impresso no periódico, que, apesar de não haver a autoria expressa, acredito que pode ser atribuído a João Mariano, já que a maioria dos textos era por ele redigida e, quando havia textos de outrem, era dado o devido crédito, com a divulgação do nome do autor.

expurgados dos seus locais de origem e enviados para a selva amazônica, como punição, mas que suportaram as mazelas da floresta⁸.

O artigo também evidencia um desprezo em relação à figura do indígena, que, segundo o autor do texto, não tem a importância e a relevância do seringueiro para a nação, já que, conforme ele relata, o índio não foi “*um contribuinte para o progresso do Brasil*” (Jornal *O Juruá*, de N.º. 96, de 10.08.1958). Outra questão que desagrada o autor é o fato de o indígena ter um “defensor”: o Marechal Cândido Rondon. De fato, Rondon é ovacionado como um grande indigenista, que, como representante do Estado Brasileiro, buscou negociar com grupos indígenas o progresso e a preservação das etnias, porém considerando uma perspectiva de ordenamento social positivista. Para isso, era necessário haver harmonia na sociedade, a fim de que os avanços acontecessem. Assim, Rondon estabeleceu contato com os índios, instituindo um processo de pacificação, pelo bem do progresso da nação brasileira.⁹ Desse modo, cabe questionar: Rondon foi um defensor dos índios ou do Estado Brasileiro?

Mesmo assim, João Mariano clama em seu texto por um defensor para os seringueiros tão empenhado quanto o Marechal Rondon, pois eles (os seringueiros) merecem o reconhecimento e o amparo por parte do Estado. Assim como Euclides da Cunha, o autor do texto em análise considera justa e necessária a criação de uma legislação que ampare o seringueiro.

Portanto, a presença do discurso euclidianiano e do discurso oficial é marcante no artigo de João Mariano, evidenciando o dialogismo entre enunciados, conforme abordou Bakhtin (2016). Para o autor russo, “as relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 92), transcendendo as relações apenas linguísticas entre os enunciados, tomadas quase sempre para fins de análise, como bem assevera o autor.

Ainda sobre a influência do discurso de outrem nas nossas produções discursivas, o filósofo da linguagem explica:

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma intenção constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2016, p. 54, grifos do autor).

8 Algumas dessas trajetórias foram abordadas no livro *Acre, a Sibéria tropical: desterrados para as regiões do Acre em 1904 e 1910*, de Francisco Bento da Silva (2013). Especificamente, esse autor trata de degredados do sudeste brasileiro, da cidade do Rio de Janeiro, que foram enviados para o Acre, durante as revoltas da Vacina, em 1904, e da Chibata, em 1910, numa espécie de expurgo e punição, com a finalidade de “limpar” a cidade e punir criminosos. Para Silva, essas “múltiplas histórias – quase todas desconhecidas e perdidas na bruma do tempo – são expressões do desenraizamento forçado, da movimentação involuntária que se abateu sobre aquelas pessoas cujos crimes não se caracterizavam por qualquer “desafio” a República e aos poderes constituídos, mas por serem intrinsecamente marcadas por estereótipos ou faltas cometidas frente às leis e os valores da sociedade em que viviam. (...) Os desterrados serviram como “exemplos”, no sentido de inculcar uma pesadíssima pedagogia de “bons” comportamentos em uma parte da população já amplamente estigmatizada com determinados clichês e chavões tornados quase inquestionáveis.” (2013, p. 285, grifos do autor).

9 Tais informações tiveram como base as explicações contidas no site: <http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/252-marechal-rondon>, acesso em 15.03.2021, que relata a trajetória do Marechal Rondon.

Assim, esses ecos discursivos vão se entrelaçando na produção de sentidos, ora reforçando estereótipos, ora apagando (ou silenciando) indivíduos. No artigo em questão, a imagem do seringueiro heroico e destemido, que impulsionou a economia da região e que também foi o guardião das terras acreanas, é destacada, incorporando também o discurso fundador do Acre.

Para ilustrar, especificamente, essa bravura e instinto de sobrevivência do seringueiro, um dos exemplares de O Rebate traz um misto de charge com história em quadrinhos. Embora tais gêneros não fossem comuns nos periódicos daquela época, a mistura que se tem no texto, entre desenho e texto escrito, mostra que é possível fazer tal analogia. Para entender melhor essa mistura, é necessário recorrer a Marcuschi (2008), que denominou de “intergenericidade” esse fenômeno que é frequente no processo enunciativo. Ele também destaca:

É bastante comum que nos órgãos de imprensa se usem as contaminações de gêneros ou se proceda à hibridização como forma de chamar mais a atenção e motivar a leitura. De algum modo, parece que essa estratégia tem o poder quase mágico de levar as pessoas a interpretarem muito mais e com mais intensidade o que ali está. (MARCUSCHI, 2008, p. 168).

Embora não sendo uma prática a utilização de imagens nos jornais da época, considerando todas as dificuldades para a impressão que havia, a hibridização de gêneros fica mais clara nos textos de propaganda. No caso específico, imagem e palavra se unem para ressaltar um discurso, que é a tradução de um grupo de indivíduos e de um lugar.

Para compreender a discursividade produzida pelas imagens, recorro a Roland Barthes, que, ao fazer um estudo acerca da fotografia, discute sobre a mensagem transmitida por uma imagem, a qual, segundo ele, tem tanto o caráter denotativo quanto conotativo. No caso da fotografia, pode-se pensar, a princípio, apenas na sua objetividade, pois “a imagem não é o real, mas é, pelo menos, o seu *analogon* perfeito, e é precisamente esta perfeição analógica que, para o senso comum, define a fotografia.” (BARTHES, 1990, p. 12). No entanto, outras formas de imagens “(desenhos, pinturas, cinema, teatro)”, para o autor, embora sejam também “reproduções análogas da realidade” não serão tão fieis a ela quanto a fotografia, pois:

(...) cada uma dessas mensagens desenvolve de maneira imediata e evidente, além do próprio conteúdo analógico (cena, objeto, paisagem), uma mensagem suplementar, que é o que comumente se chama o *estilo* da reprodução; trata-se de um sentido segundo, cujo significante é um certo “tratamento” da imagem sob a ação de seu criador e cujo significado – estético ou ideológico – remete a uma certa “cultura” da sociedade que recebe a imagem. Em suma, todas essas “artes” imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem *denotada* que é o próprio *analogon*, e uma mensagem *conotada* que é a maneira pela qual a sociedade oferece à leitura, dentro de uma certa medida, o que ele pensa (BARTHES, 1990, p. 13).

Mesmo assim, Barthes acredita que também “a mensagem fotográfica (pelo menos a mensagem jornalística) seja, ela também, conotada” (1990, p. 14). Para ele,

(...) uma fotografia jornalística é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros tantos fatores de conotação; por outro lado, essa mesma fotografia não é apenas percebida e recebida, é *lida*, vinculada, mais ou menos conscientemente,

pelo público que a consome, a uma reserva tradicional de signos; ora, todo signo pressupõe um código, e é esse código (de conotação) que se deveria tentar estabelecer (BARTHES, 1990, p. 14).

Desse modo, uma imagem pode “valer mais que mil palavras”, mas não pelo fato de ser objetiva na transmissão da mensagem, sendo fiel à realidade que queira retratar; mas sim pelas muitas possibilidades de sentido que ela tem a oferecer, desde que o seu “leitor” amplie seu olhar para além da moldura e das tintas, pois a imagem, por si só, não apresenta a dimensão do acontecimento. Para entendê-la, é necessário compreender os elementos/contextos/intenções da sua produção.

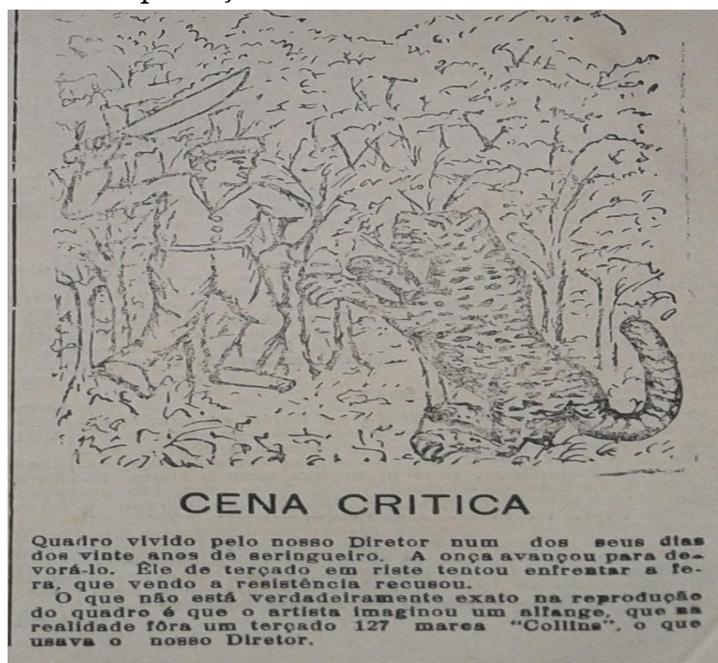


Figura 1: Cena crítica¹⁰

A cena retratada traz um texto que busca ratificar a ilustração, afirmando que, apenas por um detalhe (a marca do terçado), a mensagem não é de todo “verdadeira”. Tal observação, embora ressaltando esse detalhe, pretende, ao que parece, dirimir todas as dúvidas de um leitor incrédulo acerca do embate entre o seringueiro e a onça. Assim, o discurso produzido pela linguagem não verbal e pela linguagem verbal demonstra a intenção de traduzir, a partir da imagem e do texto, a coragem do seringueiro.

Ambos os textos, o artigo e a cena crítica, acerca da vida do seringueiro em solo amazônico, reproduzem a ideia de que o desbravador, que se aventurou por essas terras, enfrentou todos os obstáculos possíveis para desenvolver a sua atividade. Por um lado, a natureza, com toda a sua imponência, impunha-lhe uma condição de vida degradante; por outro, as relações de trabalho não eram justas e o tornavam escravo. O sonho do eldorado amazônico, dessa forma, configurou-se em um pesadelo para esses homens que, na sua grande maioria, emigraram do estado do Ceará. A viagem rumo à “terra da promessa do Norte do Brasil” (CUNHA, 1967, p, 50), custou, para muitos, a própria vida ou o infortúnio de nunca mais pisar no solo do lugar de origem.

Não só a bravura do seringueiro, mas a falta de uma legislação que amparasse esse trabalhador da floresta, como já foi abordada anteriormente, era temática frequente no

¹⁰ Jornal *O Rebate*, de 19.06.1971.

periódico de João Mariano. No artigo intitulado “Conversado com um velho Seringueiro do Juruá”, o jornalista relata uma conversa com o Sr. Manoel Lopes da Silva sobre a difícil vida nos seringais. Nessa conversa, o Sr. Manoel Lopes fala de um acidente que sofreu na floresta, quando retirava madeira e um tronco caiu sobre sua perna. Logo depois, na viagem de volta, foi picado por uma cobra, complicando ainda mais seu estado.

O recurso de trazer para o texto publicado no jornal o depoimento de quem passou pelos problemas ora denunciados é uma estratégia para convencer o leitor da “veracidade” dos fatos e da necessidade de atender aos anseios do jornalista, que, após ouvir as lamentações do seringueiro, reivindica direitos para essa classe de trabalhadores, conforme trecho destacado do referido texto:

Aqui perto da cidade eu creio que poderei viver melhor do que lá no alto. Ataajei o que êle pleiteava e fiquei pensando: 78 e oito anos, se fosse um militar ou funcionário, comerciante ou empregado do comércio que fizesse parte do sindicato, estaria aposentado, com o pão garantido já há 10 anos, como é seringueiro, ainda anda atrás de estrada...

Homens que dirigis este grandioso Brasil. Esta Pátria estremecida, lembrai-vos dos seringueiros. A mais desamparada de todas as classes. A mais infeliz das criaturas é 'seringueiro, êle nada tem de si e nem por si. Os patrões, as industrias, o governo precisam de borracha, mas não se lembram que o herói anônimo que fabrica essa borracha é o mais desamparado de todos os seres humanos que habitam este Brasil.¹¹

As palavras desse trecho vêm confirmar a defesa de João Mariano em favor dos direitos dessa classe, que, para ele, era a “mais desamparada”. O seringueiro, segundo o jornalista, “era a mais infeliz criatura”, todavia era “o herói anônimo” que alavancava o desenvolvimento do país à época, pois “os patrões, as indústrias e o governo precisam de borracha”, mas não possui os mesmos direitos que outros trabalhadores. Assim, o jornalista clama: “Homens que dirigis este grandioso Brasil. Esta Pátria estremecida, lembrai-vos dos seringueiros”.

Outro gênero discursivo que, algumas vezes, trazia o seringueiro como tema era o poema. Embora não sendo um gênero do domínio jornalístico, os poemas apareciam constantemente nos exemplares do periódico e a maior parte deles era produzida por poetas da região.

Como recurso estilístico, o poema era adotado para “cantar” tanto o amor quanto a dor. Assim, apoiados no lirismo dos textos poéticos, as agruras da vida nos seringais se manifestam entre as rimas, conforme os versos do soneto a seguir, onde o homem canta a sua dor:

Bem moço ainda... lá me vim a pé
Onze vezes dez léguas. Nosso trem
Um palmo não passava, então além
Desse empório que foi Baturité.

Lá nos confins soluça o sumo bem
Do lá paterno em pranto! Só a fê
Dúm regresso imitante ao da maré

11 Transcrito conforme está no texto *Conversado com um velho seringueiro do Juruá*, publicado no Jornal *O Juruá*, edição 106, de 28.09.1959, p.2.

Mitiga a dor do coração de “ALGUÉM”.

Tudo acabou... tão longe e as minhas plantas
Não pisaram, nunca mais o pátrio solo;
Caro objeto de saudades tantas.

Sacrifiquei-me ao Acre, sem preguiça...
Onde, não vivo e sim vegeto e “rolo”
Entre irmãos que não fazem-me justiça!

(Amâncio Leite – Vozes do Veterano e Inválido ex. seringueiro do Acre II)¹²

A poesia, tal qual o artigo apresentado anteriormente, tem a finalidade de relatar todas as dificuldades dos homens que migraram para o Acre, deixando para trás o “pátrio solo”, determinados a galgarem por melhores dias, conforme se pode ver nos versos: “Lá nos confins soluça o sumo bem” / “Sacrifiquei-me ao Acre, sem preguiça...”. Porém, a vida em terras acreanas se configurou em um fatídico pesadelo. Aliás, o eu lírico do texto ressaltava que não havia vida: “Onde, não vivo e sim vegeto e ‘rolo’”, e denuncia que não existia o devido reconhecimento à atividade desempenhada pelo seringueiro: “Entre irmãos que não fazem-me justiça!”.

As palavras escolhidas na construção desse texto poético tanto reforçam o discurso sobre a região amazônica, narrada como a terra ingrata, longe de tudo, que não fornece condições dignas para o homem, quanto enaltecem a bravura e o trabalho do seringueiro.

Parece-me bastante oportuna a utilização de gêneros distintos acerca da mesma temática, para que a mensagem seja transmitida a públicos variados, conforme a situação comunicativa e a individualidade do sujeito. No artigo, há um apelo de caráter oficial, que objetiva sensibilizar autoridades, com uma linguagem mais polida, argumentativa e objetiva. O poema, por sua vez, tem como alvo a sensibilidade do leitor do jornal *O Juruá* e utiliza um vocabulário recheado de sentimentalismo. Nesse sentido, Marcuschi explica que “cada gênero tem maneiras especiais de ser entendido, não se podendo ler uma receita culinária como se lê uma piada, um artigo científico ou um poema.” (2008, p. 243). Assim, no processo enunciativo, a escolha de determinado gênero é tão importante quanto a escolha do tema e das palavras.

Sobre essa escolha, Bakhtin (2016) esclarece:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. Em seguida, a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 2016, p.37-38, grifo do autor).

Assim, com a análise, pude perceber que, ao passo que os textos fazem uma defesa explícita do seringueiro, o indígena é diminuído, relegado à condição de selvagem, que pouco ou nada fez por esse lugar. A figura do indígena é incorporada à natureza, juntando-se aos elementos da fauna e da flora, que amedrontam e dificultam as tentativas do

¹² Jornal *O Juruá*, de Nº, 111, de 15.05.1960.

progresso e da civilização. Para ilustrar tal contexto, valho-me de dois textos do jornal: uma notícia e um cupom divulgado pelo periódico.

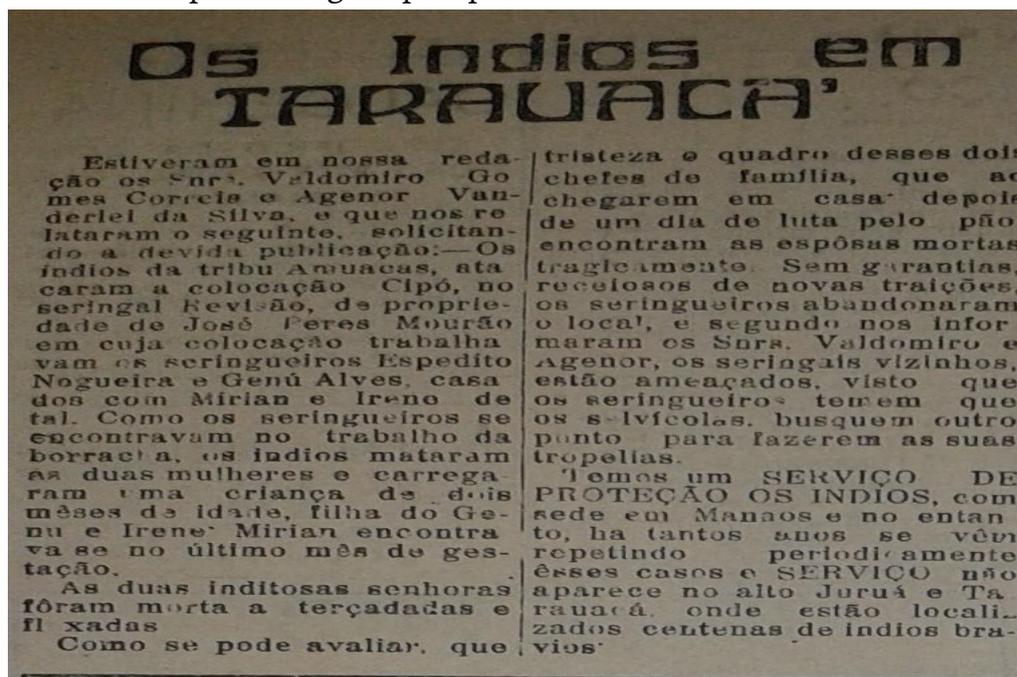


Figura 3: Notícia¹³

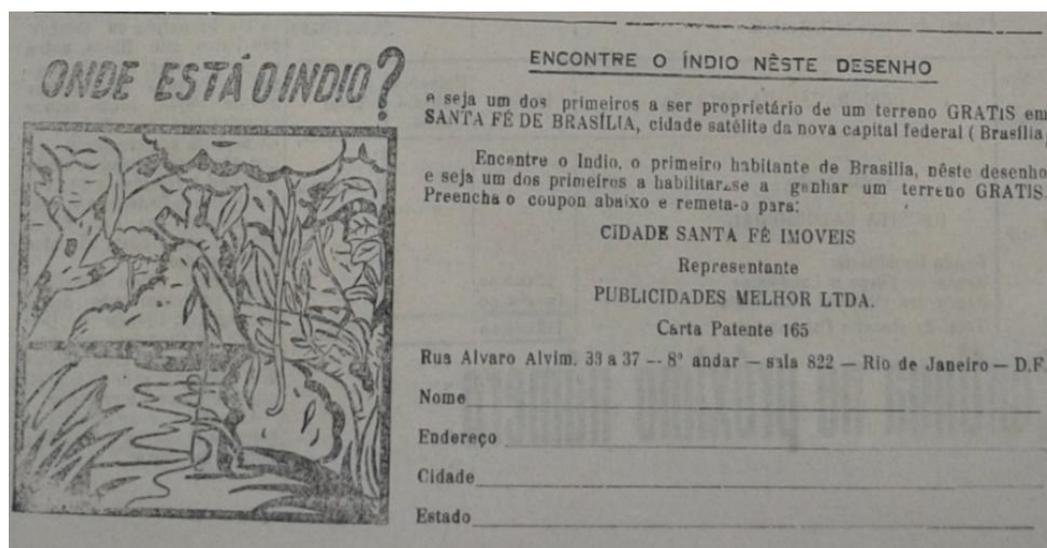


Figura 4: Cupom¹⁴

A notícia, enquadrada no jornalismo informativo, segundo Melo, “é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” (2003, p.65-66), e objetiva apresentar o acontecimento com mais detalhes que a nota, conferindo a dimensão “real” desse acontecimento. No caso sob análise, a notícia do jornal evidencia a ideia sobre o índio como ser não civilizado, bárbaro, que comete atrocidades, ceifando vidas de cidadãos que labutam pelo progresso dessa terra.

Mesmo estando na relação dos gêneros informativos, o modo como a notícia é escrita e as palavras elencadas para poder apresentá-la aos leitores podem caracterizar uma opinião acerca do ocorrido. Observando a notícia sobre os índios em Tarauacá, município do Acre, percebo que em trechos, como “se encontravam no trabalho da borracha”, “che-

¹³ Jornal *O Juruá*, de edição N°. 50, de 28.09.1955, p. 4.

¹⁴ Jornal *O Juruá*, edição N°. 102, de 15.02.1959, p. 3. (destaque (seta) meu)

fes de família que ao chegarem em casa depois de um dia de luta pelo pão”, “receiosos¹⁵ de novas traições”, e assim por diante, sugerem a tendência do autor em produzir um índio improdutivo e violento.

O segundo texto (o cupom) não faz parte da esfera jornalística, mas está ligado diretamente com o gênero publicitário, que aparece com frequência nos suportes dessa esfera. O cupom é um gênero utilizado, geralmente, para concorrer a prêmios ofertados por determinadas empresas, constituindo-se em um recurso para a publicidade dessas empresas, além de alavancar as vendas, já que as pessoas compram mais para ter mais chances de ganhar. No cupom retirado do periódico da pesquisa, há a propaganda da “Cidade Santa Fé Imóveis”, sediada na cidade do Rio de Janeiro, mas, ao que parece, estava encarregada de um empreendimento imobiliário na cidade de Brasília, que ainda estava em construção, e oportuniza os leitores a ganharem um terreno gratuitamente. Porém, além dessa leitura evidente, é possível perceber que, ao destacar o fato de os índios terem sido, também, os primeiros habitantes de Brasília, o texto expressa uma definição básica para o indígena, quando se é questionado “quem foram ou quem são os índios”, isto é, a primeira resposta para essa pergunta vai ser “os primeiros habitantes”, seja do Brasil, do Acre, de Brasília ou de qualquer lugar desse país. Além do mais, a imagem remete à ideia de que o índio é um simples elemento que faz parte da natureza exuberante, somando-se à fauna e à flora.

O cupom, também recorrendo à linguagem verbal e à não verbal, reforça o discurso cristalizado e naturalizado sobre os índios. A caracterização “os primeiros habitantes de Brasília” parece apenas retórica, pois se apresenta vazia de sentido, já que os indígenas sempre estiveram à margem do discurso oficial, não sendo considerados pela sua importância na constituição social e cultural dessa terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos esses enunciados, que, possivelmente, não estamparam apenas as páginas de *O Juruá* talvez tenham contribuído para a imagem que muitos cruzeirenses e acreanos possuem acerca do índio, configurando aquele que é um peso para a sociedade, aquele que não gera impostos e desenvolvimento. Assim, a imagem dele sempre esteve atrelada ao atraso, à falta de civilização, à preguiça ou à “indolência”, conforme referência feita pelo então candidato à vice-presidência do República, general Hamilton Mourão, em 06 de agosto de 2018, quando a colocou como um dos ingredientes do “caldinho cultural” do Brasil.¹⁶

Após a análise, parece evidente que há um o discurso em defesa do seringueiro e outro que minimiza, e até apaga, o indígena, cristalizando estereótipos dessas duas categorias, que prevalecem até hoje, de forma dicotômica e maniqueísta, em que o seringueiro representa o bem e o índio, o mal. O jornal, por sua vez, é o veículo que dá o suporte e a credibilidade para esse discurso, conferindo-lhe a verdade e o caráter incontestável. Assim, todo esse processo de construção e reconstrução, seja do cotidiano, das identidades, das culturas e, conseqüentemente, dos sujeitos, envolve uma teia de simbologias e representações que se afirmam como realidade, por meio da linguagem, que inscreve no imaginário social o sentido de tudo.

¹⁵ Conforme está escrito no jornal.

¹⁶ Notícia disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/>, acessada em 16.03.2021.

Além disso, é perceptível que o gênero escolhido em qualquer situação comunicativa é fundamental para alcançar o objetivo do enunciador (falante/escritor). Se a intenção é fazer um apelo ao sentimento, à emoção, ao subjetivismo do interlocutor, há a possibilidade de recorrer à poesia, à música, contos, entre outros. Já se a pretensão é impor um tom mais persuasivo, informativo, explicativo, a opção pode ser uma reportagem, um artigo ou uma entrevista. No caso de o interlocutor ser alguém próximo ou familiar, a utilização de bilhetes, sms (mensagens de texto via telefone móvel) ou mensagens em aplicativos diversos do mundo virtual podem funcionar muito bem. Se houver a necessidade de estabelecer comunicação com uma instituição, uma autoridade, os ofícios, memorandos, requerimentos e outros gêneros pertinentes a essa esfera discursiva deverão ser utilizados.

É nessa direção que Bakhtin (2016) destaca o processo de interação entre os interlocutores para a produção dos tipos de enunciado, dialogando com os aspectos ideológicos circulantes em determinados espaços sociais que determinam a produção de sentidos. Assim, os discursos se materializam em gêneros diversos, a fim de atender às necessidades comunicativas de cada campo da atividade humana.

Portanto, o estudo dos gêneros do discurso é um estudo sobre a língua de uma comunidade de falantes no seu uso e dinamicidade, ou seja, os gêneros estão agregados à língua, de maneira tal, que sua participação, em qualquer processo enunciativo, é fundamental para que a comunicação se efetive. Os gêneros discursivos, desse modo, não são mero recurso de estilo; são, na verdade, a cápsula que abriga o todo enunciativo e discursivo.

THE INDIAN AND THE RUBBER TAPPER IN THE (DIS) COURSE OF THE JURUÁ

ABSTRACT: This study comes from the research entitled Textual and everyday genres: unveiling the city of Cruzeiro do Sul-Acre in the pages of the newspaper “O JURUÁ” (from 1953 to 1962), the work presented in the Master’s Course of the Graduate Program in Letters: Language and Identity, of the Federal University of Acre. This research opened a range of possibilities for analysis in the field of language. In this perspective, the discursive genres, considered as fundamental elements in the process of construction of the utterance and, consequently, of the discourse, were studied more specifically, in the light of Bakhtinian thinking, with contributions from Marcuschi (2008). This article, therefore, deals with an analysis of some texts of the newspaper *O Juruá*, relating the notion of gender of discourse with the production of meanings around two themes: the Indian and the rubber tapper.

KEYWORDS: Indian. Rubber tapper. Discursive Genres. Newspaper.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARTHES. R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 11-25.
- CUNHA, E. da. **À Margem da História**. 1ª edição. Lello Brasileira S.A. 1967.
- MARCUSCHI. L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELO. J.M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. rev. e ampl. – Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- SILVA, F. B. da. **Acre, a Sibéria tropical: desterrados para as regiões do Acre em 1904 e 1910**. Manaus: UEA Edições, 2013.
- SOUZA, J. J. V. de. **Seringalidade: o estado da Colonialidade na Amazônia e os condenados da floresta**. Manaus: Valer, 2017, p. 152 – 160.
- WILLIAMS. R. **Cultura e Materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 115 – 138.